



Percepções urbanas sobre o trabalho da mulher na produção de base agroecológica em assentamentos da reforma agrária.

Urban perceptions on women's work on agroecological basis production at land reform rural settlements.

KRULL, Karen Nobre¹; BORGES, Janice Rodrigues²; RAVAGNANI, Marialina Clapis³

¹ UFSCar, karenkrull@gmail.com; ² UFSCar, janicepb@terra.com.br; ³UFSCar, marialina.clapis@gmail.com

Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia

Resumo: Este trabalho trata da mulher assentada da reforma agrária na agroecologia, figura essencial a um projeto nacional de democratização da segurança alimentar, e analisou a percepção da população urbana sobre seu trabalho por meio de pesquisa de opinião em duas exposições fotográficas que buscaram retratar o cotidiano de treze dessas mulheres em seis municípios de São Paulo. A pesquisa ocorreu na cidade de Araras- SP em duas exposições, uma num local de limitada circulação e outra num local de ampla circulação. Em ambas as exposições o resultado da pesquisa demonstrou que os visitantes da área urbana estão passíveis a consumir os alimentos agroecológicos provenientes dos assentamentos da reforma agrária, não acreditam que os trabalhos de casa e cuidado com a família devam ser responsabilidade exclusiva da mulher e valorizam o trabalho que as mulheres fotografadas estão realizando ao produzir alimentos de base agroecológica nos assentamentos rurais.

Palavras-chave: Assentamento; Feminismo; Fotografia; Agroecologia; Percepção.

Keywords: Rural settlement, Feminism, Photography, Agroecology, Perception.

Introdução

A estruturação das relações de gênero ao longo da história ocidental revela que a mulher, no decorrer de um processo de crenças e costumes, tem condicionado a sua vida a partir da vontade e da força masculina, essa diferença é estabelecida baseada em premissas consideradas “naturais” como características de um gênero em detrimento do outro, como afirma Bourdieu (2007).

O resultado é bastante claro se tratando figura da mulher rural camponesa que precisa lidar com os desafios relacionados à diferença de gênero e também às dificuldades relacionadas à realidade camponesa, ou seja, tem passado por processos específicos de desvalorização: na maioria dos casos não tem voz de decisão sobre prioridades, recursos da família ou renda gerada- o que resulta na alta dependência pessoal e financeira do marido- o que gera alta vulnerabilidade à violência, além de encontrar maiores dificuldades no acesso de políticas públicas que tragam alternativas à autonomia e valorização social. Siliprandi (2015) afirma o protagonismo das mulheres na produção de alimentos saudáveis, na conservação e preservação ambiental. Segundo a mesma autora o trabalho da mulher voltado às práticas da agricultura é invisibilizado pois são usualmente reconhecidas por



atividades que são extensão do seu papel de esposa e mãe: trabalhos de casa e cuidados com os filhos. Contudo os trabalhos da casa se configuram como trabalhos não capitalistas, pois produzem “bens e serviços” que não circulam no mercado, sendo colocados em grau de importância menor, no entanto, estão diretamente ligados- interferem e são interferidos- pela dinâmica econômica do capitalismo (SAFFIOTI, 1984).

Em geral a produção da mulher na agricultura familiar tem o caráter de garantir a segurança alimentar e nutricional de suas famílias, a ascensão desta forma de cultivo e a difusão destes alimentos para a sociedade resultaria na valorização de seu trabalho, fator positivo no processo de superação das desigualdades estabelecidas, porém, são diversos os desafios que moldados pela construção histórica e cultural precisam ser superados. A agroecologia se propõe a inserir a agricultora e o agricultor familiar como protagonistas num projeto de desenvolvimento que busca a equidade das relações e coloca a segurança alimentar como pressuposto básico, desta maneira inclui os assentamentos rurais nesse projeto e valoriza o trabalho da mulher, e afinal, proporciona maior autonomia frente as limitações impostas, pois além do fortalecimento das políticas públicas para o setor, procura- se criar elos diretos entre quem consome e quem produz, esse trabalho visou analisar a possibilidade de criação de tais elos.

Metodologia

O trabalho ocorre num período pós disputa presidencial, na qual o candidato eleito declara que o Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST) - movimento de luta pela reforma agrária- é composto por terroristas (BETIM, 2018). A pesquisa em questão aconteceu no município de Araras- SP na qual o candidato eleito obteve 80% dos votos no segundo turno.

O trabalho contou com uma pré realização que consistiu na coleta de registros fotográficos do cotidiano de 13 mulheres, em assentamentos de 6 municípios do estado de São Paulo, que trabalham com produção de base agroecológica e em segundo momento, sendo o enfoque deste trabalho, realizou- se a aplicação de questionário em duas exposições fotográficas realizadas no meio urbano onde analisou- se a percepção dos visitantes da exposição sobre o interesse do consumo de produtos agroecológicos provenientes de assentamentos rurais e também a percepção acerca do trabalho das mulheres assentadas da reforma agrária, registradas nesse processo.

Foram realizadas duas exposições na cidade de Araras: no Centro Cultural Leny de Oliveira Zurita- local de limitada circulação-, que ocorreu nos dias 03 à 14 de Junho de 2019 e na estação rodoviária “Padre João Modesti”- local de ampla circulação- do dia 20 à 23 de Junho de 2019, ambas na cidade de Araras- SP.

O referido questionário foi formado por 12 questões e dois blocos temáticos: o bloco



01 buscou captar, antes da visita a exposição, o perfil do entrevistado quanto a idade, gênero, origem, percepção sobre o tema Assentamentos da Reforma Agrária e sobre as tarefas cotidianas da mulher. O bloco 02, realizado no final da exposição, -com o intuito de observar se houve alteração na percepção dos entrevistados- com o enfoque na coleta de opiniões sobre o trabalho da mulher rural assentada e suas atividades cotidianas.

As questões 01 à 11 foram fechadas e adotou-se metodologicamente, a abordagem quantitativa (Minayo, 2016) de análise. Para a questão 12, por ser aberta, adotou-se a análise qualitativa em categorias (Minayo, 2016).

Resultados e Discussão

O objetivo deste trabalho foi compreender a percepção daqueles que visitaram a exposição fotográfica na cidade de Araras-SP, sobre os assentamentos rurais e o trabalho das assentadas presentes no registro. Por meio de análise de questionário buscou-se saber a idade e o gênero dos entrevistados, se eram da região, se já conheciam ou tinham algum contato com assentamentos rurais, se haveria algum problema em consumir alimentos agroecológicos vindo de um assentamento rural, se achavam que os trabalhos de casa deveriam ser responsabilidade da mulher, e se após ver a exposição consumiriam produtos agroecológicos produzidos pelas mulheres assentadas. No total foram respondidos 61 questionários, dentre os quais 37 responderam a questão discursiva.

Tabela 1.1. Respostas sobre gênero.

Gênero	N	%
Feminino	30	49
Masculino	30	49
Sem resposta	1	2
Total	61	100

Fonte: Exposições (2019)

Tabela 1.2. Respostas sobre faixa etária

Faixa etária (anos)	N	%
18 – 25	21	34
26 – 39	11	18
40 – 50	7	11
51 – 60	10	16
> 60	10	16
Sem resposta	2	3
Total	61	100

Fonte: Exposições (2019)

No Centro cultural o questionário ficou disponível no local e dependeu da iniciativa do visitante, já na rodoviária o questionário foi aplicado por meio de abordagem



direta. Na primeira situação desconfiou-se que aqueles que se propuseram a ir na exposição e responder o questionário já tinha certa ligação com os assentamentos, por isso as respostas estavam positivas quanto ao consumo e percepção sobre as assentadas, no entanto as respostas da rodoviária se mostraram similares quando à percepção e aceitação ao consumo, mesmo a questão 2, referente à conexão com algum assentamento rural, sendo maior nas respostas do Centro Cultural.

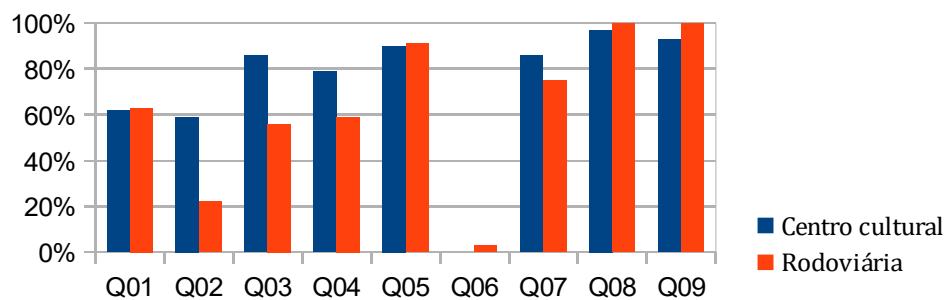


Figura 1.1- Comparativo entre as respostas.

Tabela 1.3. Respostas fechadas: total.

TOTAL		Sim	%	Não	%
Q1	Você mora na zona urbana de Araras ?	38	62	23	38
Q2	Você já foi ou conhece alguém que mora em um assentamento rural?	24	39	37	61
Q3	Você sabia que existem assentamentos rurais em Araras?	43	70	18	30
Q4	Você já considerou a possibilidade de comprar seus alimentos diretamente de agricultores e agricultoras no assentamento rural?	42	69	19	31
Q5	Se houvesse a produção de alimentos sem uso de agrotóxicos e com o preço similar ao do mercado você compraria alimentos de um agricultor/ agricultora de um assentamento rural?	55	90	6	10
Q6	Você acha que os trabalhos de casa (cuidado com filhos, cozinha e limpeza) são tarefas que devem ser realizadas apenas por mulheres?	1	2	60	98
Q7	Antes da exposição você sabia que existiam mulheres agricultoras produzindo alimentos nos assentamentos rurais?	49	80	12	20
Q8	Você acha interessante o trabalho que essas mulheres trabalhando com agroecologia estão realizando nos assentamentos rurais?	60	98	1	2
Q9	Se houvesse produção de alimentos agroecológicos e com o preço similar ao do mercado você compraria alimentos de uma agricultura de um assentamento rural?	59	97	2	3
Total de questionários Respondidos		61			

Fonte: Exposições (2019)



Tendo em vista os 97% de aceitação acerca da produção agroecológica das mulheres assentadas pode-se concluir que para os visitantes da exposição a demanda sobre produtos agroecológicos é maior que o estigma criado acerca dos assentamentos rurais, e como afirma Veiga (2000) ao afirmar que não existe “o desenvolvimento rural” separado do desenvolvimento urbano, percebe-se que um desenvolvimento rural que priorize a produção de alimentos saudáveis e diversificados visando atender as demandas, principalmente sobre saúde na produção e no consumo favorece a população como um todo. Além de contribuir, como sugerem Siliprandi e Cintrão (2011), na inserção das produtoras rurais nas atividades de comércio, gerando sua valorização e contribuindo na superação das desigualdades existentes.

	nº	%
Trabalham Muito	16	43
Trabalho Importante	24	65
Necessidade de Valorização	4	11
Se sentiu sensibilizado	14	38

Fonte Exposições (2019)

Conclusões

Por meio das respostas analisadas foi possível constatar que aqueles que visitaram as exposições, em parte, já tinham algum contato com assentamentos, que a maioria dos entrevistados consumiria alimentos agroecológicos provenientes dos assentamentos rurais, que não acreditavam que os trabalhos de casa deveriam ser responsabilidade exclusiva das mulheres e classificaram como positivo o trabalho das mulheres assentadas presentes nas fotografias.

Referências bibliográficas

BETIM, F.; **As várias faces do MST, o movimento que Bolsonaro quer criminalizar**. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/13/politica/1544736443_496134.html>. Acesso em: 15 jun. 2019.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SAFFIOTI, H.I. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SILIPRANDI, E. **Mulheres e Agroecologia** – transformando o campo, as florestas e as pessoas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

SILIPRANDI, E.; CINTRÃO, R.; **As mulheres agricultoras no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)**. Segurança Alimentar e Nutricional, Campinas, v. 18, n. 2, p. 12-32, jul. 2011.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



MINAYO, M. C.; **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 34^a. Edição. Vozes, 2016.

VEIGA, J. E. **A face rural do desenvolvimento- natureza, território e agricultura**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2000. 197 p.